**«Ser-se proactivo é algo que não é cultivado suficientemente em Portugal»**

**Entrevista a Diogo Geraldes, que vive no Reino Unido e é designer de implantes ortopédicos para pacientes particularmente debilitados.**

**Nascido em Ponta Delgada, Diogo Geraldes é doutorado em biomecânica pelo Imperial College de Londres e trabalha numa empresa britânica. Esta entrevista foi realizada no âmbito do GPS - Global Portuguese Scientists, um site onde estão registados os cientistas portugueses que desenvolvem investigação por todo o mundo.**

**Pode descrever de forma sucinta (para nós, leigos) o que faz profissionalmente?**

Chamo-me Diogo Geraldes e sou designer de implantes ortopédicos feitos à medida do paciente na empresa Stanmore Implants/Stryker em Londres (Reino Unido). Lido principalmente com casos extremos para os quais não há soluções comercialmente disponíveis, nomeadamente em oncologia pediátrica e cirurgia de resgate.

Antes de trabalhar na indústria fiz o doutoramento em Biomecânica no Imperial College. Foi também no Imperial College que fiquei a fazer investigação e desenvolvimento de produto durante três anos de pós-doutoramento, testando e patenteando um implante para o ombro. Tenho também estado envolvido em projectos bastante distintos, desde o estudo da influência das actividades locomotoras do dia-a-dia nas propriedades materiais do osso com implicações a nível da prevenção de fracturas osteoporóticas; a categorização dos mecanismos pelos quais o glaucoma pode afectar o nervo óptico e conduzir à cegueira; ou optimização do design de implantes ósseos.

**Agora pedimos-lhe que tente contagiar-nos: o que há de particularmente entusiasmante na sua área de trabalho?**

Trabalho muito com pacientes para os quais a alternativa ao implante individualizado seria a amputação, imobilização completa ou às vezes até a morte. Os implantes que desenho têm como principal objectivo melhorar as condições de vida dos doentes e resgatar partes do corpo que eram dadas como perdidas. Para tal crio soluções individualizadas em conjunto com os melhores cirurgiões ortopédicos e oncologistas mundiais. Cada caso chega à minha secretária com um diagnóstico e uma ideia inicial de tratamento. Depois de analisar as imagens médicas do paciente, proponho diferentes opções ao médico e, através de discussão contínua, o design vai progredindo iterativamente até convergirmos para a solução mais adequada. A partir daí torno-me gestor de projecto para cada implante, fazendo com que estes sejam produzidos com rigor técnico e qualidade pela qual a minha empresa é reconhecida internacionalmente. Sou depois convidado muitas vezes a presenciar a operação, de forma a dar o necessário apoio técnico.

Fico, por isso, assim, bastante ligado a cada caso. Este lado humano do meu trabalho é o que me dá mais prazer. Por exemplo, trabalho muito com crianças para as quais criamos implantes dotados de mecanismos que permitem crescer ao mesmo ritmo que o resto do esqueleto, evitando malformações futuras e problemas biomecânicos e até estéticos. Colaboramos também na realização de cirurgias que devolvem função a doentes com cancro terminal para enfrentarem com qualidade de vida, dignidade e menor sofrimento a última fase da sua vida. Lembro-me de quase todos os mais de 150 implantes pelos quais fui responsável. Para mim cada um deles é especial e único. E o acompanhamento, nalguns casos, das respectivas cirurgias de colocação dos implantes permite-me taméem percepcionar as dificuldades resultantes da sua aplicação e aperfeiçoar, no futuro, essa técnica de criação de soluções individualizadas.

**Por que motivos decidiu emigrar e o que encontrou de inesperado no estrangeiro?**

A minha mudança para o Reino Unido foi bastante inesperada. Frequentava o primeiro ano de Engenharia Biomédica no Instituto Superior Técnico de Lisboa quando aproveitei uma visita a Londres durante as férias da Páscoa para visitar o famoso Imperial College. Foi durante uma conversa com um dos coordenadores do curso equivalente, que gentilmente se prontificou a dar-me informações sobre o curso, que surgiu a oportunidade de apresentar a minha candidatura para frequentar o mesmo curso no Imperial College. Foi assim que aprendi a primeira lição sobre a importância de ser proactivo, algo que não é cultivado suficientemente em Portugal. O universo académico que encontrei contrastava bastante com aquilo a que estava habituado, desde logo pelo multiculturalismo evidente dos que trabalham no sector de investigação que espelha a vontade de atrair o melhor talento global. Depois verifiquei que é a responsabilidade do académico angariar grande parte do financiamento para investigação do seu grupo, sendo que a estabilidade da sua posição profissional depende muito da qualidade e quantidade de trabalho que produz e financiamento que obtém. As universidades têm também quantidades de financiamento numa ordem de magnitude maior que as portuguesas.

**Que apreciação faz do panorama científico português, tanto na sua área como de uma forma mais geral?**

Há muitas instituições de renome em Portugal que também põem em prática o que melhor se faz no Reino Unido. Nessas instituições é igualmente feito muito bom trabalho com pessoas de grande calibre. No entanto, Portugal tem o problema de não ter indústria desenvolvida em muitas áreas, o que dificulta a relação simbiótica entre as empresas e as universidades que leva à aplicação directa dos avanços que se vão fazendo nos laboratórios e grupos de investigação, criando novos campos de investigação científica. A minha área de especialização é um bom exemplo disso: tirando vendas e marketing, não é possível trabalhar no desenvolvimento de implantes ortopédicos. Como não há empresas que os desenvolvam, muito do conhecimento que é gerado nas universidades não é transmitido para o mundo comercial.

Vejo também que ainda persistem em Portugal práticas que desprezam a meritocracia. Os processos de atribuição de bolsas ou de emprego são pouco claros, há falta de transparência e de informação, o que gera um sentimento de desânimo e desmoraliza quem os observa de fora. No entanto penso que isso vai melhorando na medida em que regressam ao país investigadores que se encontravam no exterior.

**Que ferramentas do GPS lhe parecem particularmente interessantes, e porquê?**

Penso que o GPS é uma excelente iniciativa. Já era tempo de começarmos a catalogar a diáspora de cientistas portugueses e de criar uma plataforma de divulgação do excelente trabalho de investigação feito tanto nacional como internacionalmente. O mundo em geral, e a ciência em particular, estão a tornar-se cada vez mais globais e interconectados. Temos que tirar proveito destas características para continuarmos a produzir trabalho de qualidade. O GPS permite também a comunicação dos avanços científicos de uma forma fidedigna e a conexão directa entre o cientista e o público em geral, uma relação cada vez mais importante na era pós factual em que vivemos.

*[Consulte o perfil de Diogo Geraldes no GPS – Global Portuguese Scientists.](https://gps.pt/u/geraldes/about)*

*GPS é um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos com a agência Ciência Viva e a Universidade de Aveiro.*

GPS/Fundação Francisco Manuel dos Santos

*Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva*